

| <b>Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC)</b><br><b>Serra do Cipó/Minas Gerais</b><br><b>Transcrição de entrevista</b>                                |                         |                                                                   |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------|-------------------------------------------------------------------|
| <b>Entrevistado:</b> Cácio Geraldo de Paula                                                                                                                        | <b>Data:</b> 05/05/2011 | <b>Ocupação:</b> Professor de História e Geografia                |
| <b>Município:</b> Morro do Pilar                                                                                                                                   |                         | <b>Distrito:</b> Sede                                             |
| <b>Equipe técnica</b><br><b>Entrevista:</b> Andréia Ribeiro<br><b>Produção de vídeo:</b> Ricardo S. G.<br><b>Transcrição da entrevista:</b> Aline Pinheiro Brettas |                         | <b>Duração:</b> 57 minutos<br><b>Mídia:</b> Divx, arquivos em Mp4 |
| <b>Observação:</b> as falas destacadas em itálico foram proferidas pela entrevistadora.                                                                            |                         |                                                                   |

- *Qual o seu nome completo?*
- Cácio Geraldo de Paula.
- *Idade, Cácio?*
- 48 anos.
- *Endereço?*
- Rua João Martins Neto, 81, Centro. Morro do Pilar.
- *Profissão?*
- Professor.
- *Professor de História?*
- História e Geografia.
- *E qual que é o seu envolvimento no meio cultural aqui no município de Morro do Pilar?*
- Pode-se dizer o seguinte: é participativo, praticamente estou envolvido, de uma certa forma, em quase todo pequeno movimento que existe; o que não existe aquele movimento amplo, há necessidade de uma dedicação maior, há a necessidade de um trabalho, um pouco mais, vão dizer assim, apurado, um pouco mais intenso, mais diverso. Porque a cidade oferece uma riqueza enorme em termos culturais; mas isso ainda deixa um pouco a, vamos dizer assim, não é desejar, deixa um pouco, de se sentir um pouco que não tá realizando o que merece a cidade, a sua história, a sua origem.
- *Aí você participa, mas dá pra você especificar um pouco essa participação toda?*
- Isso quer dizer, a participação cultural, é muito questão de momentos. Ela acontece muito, quando se tem a Festa de Agosto, então naquele momento você tem uma participação ativa,

muita gente vive aquele momento, né? Passou aquele momento, é como se parecesse que as pessoas esqueceram. Quando tá chegando o próximo, volta a viver. Então ela vai vivendo muito de momentos e momentos. Quando chega por exemplo o carnaval, parece que as pessoas vivem somente aquele momento, e esquecem outras cidades, outros lugares às vezes, eles perpetuam aquilo, né? Antigamente, já no início do ano estavam falando de Festa de Agosto, das festas culturais de agosto. O movimento, praticamente, os festeiros trabalhavam o ano inteiro pra provocar uma festa. Então, quer dizer, você vivia aquela cultura o tempo inteiro. Quando o pessoal que trabalha em julho, nas festas de julho, forró, que é uma questão cultural mais festiva, também é somente aquele momento, o carnaval, em termo de festa. Então o pessoal que trabalha com artesanato, quando você prioriza pra poder fazer, eles vivem aquele momento intensamente, emocionam – “vão fazer, vão melhorar, vão fazer isso e aquilo” – mas depois parece decair, falta alguma coisa pra dar sequência, certo? Pra alavancar aquela sequência, fazer com que outras cidades, pra que muitos possam viver da palha. Você tem excelentes pessoas que tecem a palha, e no final eles não conseguem o tecer a palha, que acaba sendo uma necessidade de subsistência. O que eles ganham, mal dá pra alimentar. Então, quer dizer, eles não se sentem muito valorizados com isso. Então, fica falho o processo, não existe uma sequência, um crescimento, que eu sinto que falta alguma coisa pra fazer com que essas pessoas alavanquem e possam ter um futuro melhor, fazendo aquilo que gostam de fazer.

*- E você como professor de História, na rede pública, você explora essa temática: cultura em Morro do Pilar, ou seja, que é local daqui?*

- Nós estamos até, na oportunidade, nós estamos fazendo agora, eu estou trabalhando em parceria com outro professor – Professor Aislam – que nós estamos montando... inicialmente, nós demos o nome de “cartilha”, mas é um compêndio. O nosso objetivo é trazer um pouquinho da pedagogia de Freire, dentro da sala de aula, que ele trabalha as etapas. Então, o quê que a gente precisa: porque o Freire, ele trabalha muito a idéia do adulto e trazendo as suas experiências. Então a nossa idéia é montar texto, trazer essa experiência do artesão, trazer os fatos históricos, o envolvimento que o município viveu na história, trazer a cultura local pra dentro da sala de aula. E através de quê? Através de pesquisa, estamos fazendo pesquisa, montando os textos, fazendo um recolhimento de documentos, pra montarmos um compêndio, em que o professor vai trabalhar em sala de aula, esse texto vai fomentar o diálogo entre o aluno, o aluno em si, com o pai, com o avô, buscando completar aquele contexto. Ele vai tá aprendendo a matemática, o português, a geografia, utilizando argumentos dentro do município. Ao mesmo tempo, vai estar fixando a cultura local, vai estar

descumprindo a cultura local, e publicando, vão dizer assim, ele vai automaticamente trabalhar como mediador entre pai e comunidade, divulgando essa cultura, dentro de sala de aula, e para a história do município.

- *E o levantamento dos dados culturais, está em processo, ou ele...?*

- Está em processo.

- *Do que vocês levantaram agora, tem alguma coisa que sobressai, mais no aspecto mesmo cultural do município?*

- Mais no aspecto cultural. Olha, têm fases interessantes. Cada dia que você trabalha, aparece alguma coisa a mais, né? Então, há pouco tempo, descobrimos que aqui antigamente fazia até panela de pedra. Então você vai conversando com um e com outro, até um senhor colocou à disposição que ensinava, tava montando um torno em casa, pra fazer a panela de pedra. Agora ele faleceu há poucos dias, mais o filho dele já mora em Belo Horizonte e fala – “ó, meu pai pediu que era pra te ensinar a fazer panela de pedra”. Então quer dizer, você vai descobrindo essas questões pra trazer, e cada dia você descobre uma coisa. Você vai descobrindo que a cidade trabalhava muito com a palha, que até hoje trabalha com taquarassu, trabalha com a palha de coqueiro, trabalha com o bambu. Faziam forros, já descobrimos que faziam forros; nas danças, tivemos aí algumas conversas com um pessoal que dançava Catopê, que hoje quase ninguém tem... como eu vou dizer, quase ninguém tem esse conhecimento, nem como era, o quê que é a mensagem do Catopê, o quê que é a história do Catopê. Então já existe uma conversação, com o rapaz que ele vai passar alguma experiência, alguma coisa que ele traz dessa história do Catopê, que vem da família. Que a família dele é uma das famílias que mais trabalhava e que dançava.

- *Você sabe o nome desse rapaz?*

- Ele era chamado de Brechinha. Porque ele se dispôs, ele se dispôs a passar pra gente alguma idéia, de como que ele é um dos remanescentes, eu busquei ainda, tocou algum instrumento que na época que tocava.

- *Mas atualmente o Catopê, ele é atuante?*

- Não. Hoje nem existe mais o Catopê, fazia parte das festas. Iguais como eu falei, fazia parte das festas, era uma questão cultural, e que hoje foi substituída por comemorações econômicas, às vezes. Que as pessoas têm aquela vaidade, e quer mostrar, mais uma representação em termo de luxo disso daqui, do que a cultura originalmente.

- *Além dessas coisas que vocês foram descobrindo, no levantamento que vocês estão fazendo, tem alguma outra que você não citou pra gente e que você lembra agora?*

- Olha, tem. Pode ser questão histórica, descobrimentos questões históricas. Nós descobrimos uma região aqui onde os primitivos deixaram algumas pinturas rupestres, estamos fazendo o estudo, tá lá ainda para as instituições que têm ainda que fazer análise. No outro dia até tive uma informação, tivemos um pessoal no local, fazendo uma vistoria, não sei como que tá, mas nós já fizemos lá um levantamento, já tiramos... Então, tem essa questão, tem a questão do óleo, que antigamente fazia o óleo de coco. Tá agendado pra próxima semana, nós vamos até o local, nós vamos fazer uma entrevista, pra dona nos mostrar como que é o processo, como se fazia o óleo de coco...

- *Mas ela ainda faz, ou ela sabe fazer, mas não faz?*

- Não, a maior parte das questões é justamente isso. As pessoas não fazem mais, é o que eu estava falando: a cultura, ela tá se perdendo aí. As pessoas, falta alguma coisa pra poder alavancar, ver essas pessoas despertar uma vaidade, vamos dizer assim, despertar um orgulho de que aquilo poderia ser útil. De que aquilo tem um valor, não só por exemplo: o óleo de coco ele pode ter um valor muito grande, talvez pra saúde, talvez hoje ninguém faz análise porque quase não encontram. Acho que no Nordeste deve de usar bastante, acredito, que antes era pouco. Mas hoje na nossa região, quase ninguém acho que utiliza o óleo de coco, que era feito antigamente. Antigamente tinha o polvilho, a própria farinha de mandioca, todos são...ainda farinha de mandioca e polvilho, todos são os que pouco fazem isso, poucos. Não muitos, mas a grande parte das pessoas, por questões econômicas, por questões sociais, deixaram, foram deixando de lado essas atividades.

- *Aí neste processo de coleta, de busca dessas informações, você percebeu assim, no meu entendimento, vê se você confirma, que as pessoas detêm esse conhecimento técnico de produzir determinadas coisas mas, não produz.*

- Não produz e nem repassa, né? É interessante, porque às vezes você tá entrevistando, por exemplo, uma avó, e a criança que tá lá pertinho, observando, prestando atenção, então você fica percebendo que ela tem interesse por aquilo, né? Então quer dizer, você percebe que, parece que nunca repassaram, talvez conversaram sobre aquele assunto. Então é por isso que eu acho que essa nossa proposta, ela vai alavancar alguma coisa, em termo de cultura, ela poderá trazer algum benefício. Vai depender do interesse que os profissionais da educação vão ter, no compêndio, na cartilha, pra utilizar. Porque ela não obedece uma cartilha de alfabetização, ela obedece uma montagem de texto, com a cultura local.

- *E todos esses dados, que vocês tão tendo acesso, a pessoa que produzia panelas, que não faz mais, a farinha ou o óleo...esses dados são trazidos pelos alunos, como é que tá sendo isso?*

- Não, esses dados, eles são assim: às vezes você tá conversando com alguma pessoa - eu tenho uma facilidade muito grande de tá conversando, principalmente com os mais velhos; eu gosto, vamos dizer assim, de tá em contato com as pessoas mais velhas. Eu acho que, tanto eu gosto de criança como as pessoas mais velhas gostam de conversar – e como eu te falei, às vezes as crianças daqui elas não trazem muitas informações, são novidades pra elas, certo? Elas, são poucas, apesar que desse sítio arqueológico, quem me deu informação foi um aluno, foi uma criança – “ó, lá perto de casa tem um negócio desse”. Na hora até falei – “que isso, não tem”; “tem sim”. Aí eu fui e confirmei, certo? Ele mora na zona rural, foi uma criança que trouxe. Mas geralmente são pessoas mais adultas, pessoas mais idosas, que às vezes eu tô conversando, e eu busco informações geralmente...têm alguns que até procuram: “ó, fiquei sabendo que você tá fazendo um trabalho, eu tenho informação sobre isso”. Têm algumas pessoas, que trazem até as informações, por exemplo, essa semana mesmo uma senhora me procurou, trazendo a informação, que próximo, indo pra Carmésia tem um caverna, e que antigamente o pessoal matavam uns escravos, e escreviam o nome na parede dele com sangue. Não sei se o fato é verídico, ainda vamos lá fazer uma pesquisa de campo, e analisar, certo? Mas parece que eles tão assim, as pessoas têm aquele interesse de querer, divulgar...acho que a pessoa idosa, ela quer tá divulgando isso, tá querendo repassar, ela sabe dessa importância, e num sabia como, e nós estamos oferecendo esse meio. Por isso que eu falo, começando um trabalho que parecia que ia ser uma coisa pequena, a cada dia a gente tem mais assunto pra trabalhar.

*- Aí tocando um pouco, você falou a questão do sítio arqueológico, daria pra você contar um pouco pra gente como é que foi essa descoberta? Quê que você tava fazendo na sala de aula, que o aluno virou – “ah, perto de casa tem...” -, como é que foi?*

- Estava trabalhando lá, hoje é chamado 6º ano, ano passado era, ainda, 5ª série. Tava aí com os alunos, os homens primitivos, quando eles foram trabalhar pinturas rupestres, que o aluno viu um desenho no livro e falou – “professor, lá perto de casa têm umas pinturas dessas aqui, têm uns desenhos desses numa parede, num paredão”. Falei: “você mora aonde?”. Até achei que ele morava lá pro lado de Santana, ou então em Conceição, que eu sei que tem. “Não, lá perto de casa, no Morro do Pilar, na região tijucal”. “Ó, interessante”. “Podia levar a turma lá”, ele falou assim comigo. Falei assim: “ó, mas primeiramente eu tenho que ir no local, não posso sair carregando todo mundo, que eu não sei, mas vamos lá!”. Aí busquei informações, depois perguntei o pai e a avó: “ó, têm umas pinturas lá mesmo, têm uns desenhos lá meio esquisitos”. Aí nós fomos lá na oportunidade, fomos verificando, fizemos uma verificação *in loco*, tiramos algumas fotos e mandamos para o instituto, conversei com, estou fazendo o

Mestrado em Assunção, conversei com um palenteólogo e ele observou as pinturas, viu que tinha tudo a ver com pinturas rupestres, aí indicou os institutos, nós estamos entrando em contato, e pra poder fazer uma análise, e até pra fomentar o texto jogado na cartilha.

*- Além desse, você pontuou pra gente algumas coisas que vocês foram descobrindo com esses levantamentos. Do que você citou, tem mais alguma outra coisa, que você gostaria de destacar...você falou da produção – “ah, já descobriu que se produziam panela de pedra, como a gente conhece... o óleo de coco” – tem outras coisas que as pessoas detêm conhecimento, mas que não fazem?*

- Bom, houve a questão da história do Pilar, vamos assim, não a história escrita, porque quando a gente tá fazendo um pesquisa, você tem que aprender que distinguir muito o que você pode comprovar e aquilo que foi passado tradicionalmente. Então aquilo que foi passado tradicionalmente, nós jogamos, vamos dizer assim, vamos tratar isso como cultura. Uma vez que você comprovar em termos de documento, é a ligação que eu faço, eu e meu colega, nós fazemos, em termos de distinguir a história e a cultura. Aí a cultura, você aproveita muito essa transmissão verbal. Então você tem alguns fatos, por exemplo, de como surgiu a estrada que veio pelo lajeado, que era um canal de água que trazia para o engenho, que o capitão ainda, o capitão que vivia aqui, ele era um pouco austero, um pouco enérgico, e ele era muito possessivo. Até tinha um moinho somente, e todo mundo era obrigado a utilizar o seu moinho. Então são assim, não encontramos no livro e por isso mesmo nós temos dificuldade em identificar qual foi esse capitão, que nós tivemos aqui: Capitão Georgino, Capitão Modesto. Então não sabemos ainda identificar em termos de história qual seria esse capitão, que tinha essa postura. Então ele tinha ali, lá na região próxima ao hospital, ele tinha um moinho e que obrigava todo mundo moer o fubá no seu moinho. Era obrigado, ninguém poderia ter moinhos próximo. Tinha também uma área que tinha uma gruta, que dizem, ainda não confirmamos, não conseguimos encontrar o que tem várias minas, não... Eu há pouco tempo achei que tinha entrado em boa parte, mas não entrei, têm alguns ainda, que não conseguimos entrar e, dizem que numa mina desta – dizem – que tem um portão onde ele usava como prisão pra prender os escravos. Achamos um local que era um buraco em linha reta, que também era cativeiro de escravos. Então, mas ainda são fatos culturais que foram de transmissões de pessoas que vêm, que meu avô contava, que meu tio e tal. E também a Estrada real, que o trajeto da estrada real, que dizem ser, que essa estrada, que ela tinha um outro corte, um outro caminho. Ela ligava aqui a Itambé, mas ela tinha um outro caminho, não é bem esse percurso, que essa estrada, onde se passa hoje, ela foi construída, pelo que se diz, há mais ou menos 60 anos, 50 anos atrás. A Estrada Real, ela seguiu um outro trajeto, ainda

vamos fazer uma verificação *in loco* disso aí. Então, aí não são fatos comprovados, são versões que as pessoas apresentam. E que eles tão procurando, esse moço saiu lá do local chamado “Areias”, pra procurar pra poder falar: “eu posso falar sobre a Estrada Real?”. Então quer dizer, ele quer também, ele falou assim: “meu nome vai aparecer ali pro meu netinho ver?”. “Vai, vai sim!”.

- *Areias é comunidade rural?*

- É um comunidade rural. Ele saiu de lá a pé, veio cá, pra trazer essas informações. Então a gente tem que ir fazer a verificação *in loco*, e buscar essas informações, quem sabe no futuro, redesenhar essa estrada, essa ligação Morro do Pilar-Itambé, quem sabe tudo, né? Políticas futuras.

- *E em relação á cartilha, você gostaria de comentar mais alguma coisa em relação a dados encontrados, ou você acha que você conseguiu passar um pouco do que vocês conseguiram levantar em texto?*

- Em síntese, nós já passamos muita coisa que já está assim, tá em processo de pesquisa, estamos montando os textos, já de acordo, nós temos alguns capítulos que já está de uma certa forma estruturada, escolhido fotos, aquilo...nós estamos fazendo por etapa. O problema que cada dia acontece uma coisa nova, então nós vamos ter que tirar isso daqui, vão jogar isso pra frente, pra colocar esse assunto novo aqui, então quer dizer...Nunca tivemos experiência de como montar, como fazer uma produção em termos de, vamos dizer, em termo, numa visão paradidática, não tivemos esse trabalho, é a primeira vez. Então, quer dizer, erros toda a hora a gente observa que tá acontecendo, graças à Deus, já tá em tempo de observar o erro e fazer alguma correção devida. Logicamente, poderá aparecer alguns erros, mas estamos tendo todo o cuidado possível.

- *Agora vão sair um pouco da cartilha, e a seguinte pergunta: quais as manifestações culturais, saberes e modos de fazer estão atuantes e existem em Morro do Pilar? Se realizam, o que acontece, o que é produzido, que você saiba?*

- Bom, o que se pode dizer muito é que tá ligado é o chapéu, hoje, né? Pelo que nós levantamos, quase ninguém hoje, é só mesmo a trança. Quase ninguém, as bordadeiras, quase não existem o pessoal que trabalhava com o bambu, tecendo esteira, o pessoal que trabalhava fazendo...deu um branco...pra carga em burros...

- *Balaio?*

- É, faziam o balaio e faziam a canga. Não, canga é para o boi. Tem um outro nome, que eles colocam no burro pra colocar o balaio. Esse pessoal...arreios...eles num fazem mais, num existe, né? De faca, que eles produziam, aquela faca chamada faca coqueiro, num tem mais

ninguém que faça. Então praticamente hoje, o que ficou mesmo foi o pessoal que trabalha tecendo a palha, na produção do chapéu.

- *Que é o taquarassu, né?*

- Faz tudo no taquarassu e faz da palha também. Existem dois tipos diferenciados.

- *A palha seria, palha de quê?*

- Ele faz um...palha do indaiá, do coqueiro. Da palmeira indaiá. Então, existem dois processos distintos. Nós tivemos até acompanhando um processo, desde quando eles tiram a palha, até colocar a palha pra secar, até tecer, desfilar a palha, tecer, aí depois vai costurar a palha, fazer o chapéu, as fôrmas, tem que providenciar a fôrma, fazer o chapéu, depois tem que colocar o chapéu no processo de...é tipo para...purificar...vamos dizer assim...o chapéu ele passa não é engomar, eles seriam, eles põe o chapéu acho que no enxofre, em alguns produtos que ele misturam, ainda nós não chegamos a conversar com a dona que faz isso, só tivemos informação nova. E era pra poder dar uma forma ao chapéu, ficar livre pra manter a característica da palha, branquinha, num deformar com o tempo.

- *Além desses ofícios e modos de fazer, e festividades? Você sabe dizer quais existem aqui na cidade?*

- Bom, a festa religiosa, tem a Festa de Agosto, e tem a Festa de Nossa Senhora, que é no final de maio agora.

- *Nossa Senhora do Pilar?*

- Nossa Senhora do Pilar. Então são praticamente duas festas. Até que antigamente, quando eu cheguei há 28 anos, a Festa de Nossa Senhora também era em agosto, eles também faziam em agosto. Então como ficavam quatro dias de festa e, economicamente, vamos ver assim, isso não foi ficando viável, então eles trouxeram a Festa de Nossa Senhora para o final de maio. Tentaram levar pra dezembro, mas depois acharam melhor fazer ela em maio. Então tem a Festa de Agosto, e tem a Festa do Divino Espírito Santo, São Benedito e do Rosário, em agosto. É uma festa...a de agosto, por exemplo, ela trabalha tradicionalmente com os festejos religiosos, que ela acontece, vamos dizer assim, as novenas, toda a cerimônia religiosa; geralmente existe os reinados, como o do Divino Espírito Santo e do Rosário, e de madrugada servem um tutu. Esse tutu tem uma origem cultural, porque na antigüidade vinha muita gente que vinha da zona rural; então muita gente vinha a pé, não tinha o transporte ,então chegava com fome, então geralmente o festeiro, para agradar principalmente quem ia tocar o dia, fazia um jantar, e que depois eles descobriram e passaram a fazer de madrugada.

- *Isto foi feito na madrugada de sábado?*

- É, na madrugada. Geralmente a Festa do Santo Expedito, geralmente é primeiro; então começa na quinta à noite, e na madrugada de sexta-feira, tem o tutu. Aí depois vem o festejo em honra ao santo, e quando chega a tarde serve o doce. Então o festeiro tem todo esse, queima de fogos, em padrão, esse tutu que serve. Antigamente servia um almoço também, mas hoje por questões, acredito econômicas, nem todos servem esse almoço. Então fica o tutu, e o doce, pra quando tá encerrando a festa daqueles santos, é servido um doce. Geralmente servem doce de batata-doce, e doce de mamão, doce de leite. São doces assim, em pasta, caseiros, feitos todos aqui. Geralmente a comunidade...é aquilo que eu falei no início, chega no momento da festa todo mundo se organiza. Além dessas festas, existem as outras festas: na Lapinha, que é uma comunidade rural, também faz a sua festa no mesmo padrão dessas festas de agosto, com tutu, com doce, obedece o mesmo padrão.

- *Você sabe o nome da festa que acontece lá?*

- A festa lá... não estou lembrando. Não vou arriscar dizer que é Nossa Senhora Aparecida, não, não é. E da Nossa Senhora Aparecida, que é feita uma festa, ela é mais procissão, carreatas; agora ela num carrega essa padronização de doces, essas coisas.

- *E a da Padroeira, que é Nossa Senhora do Pilar. Ela também tem a mesma dinâmica...*

- Tem, geralmente tem. Quando a situação, como ela desvinculou de agosto, algumas festas não tiveram esse tutu doce, mas pelo menos alguma coisa tem. Sempre, sempre, tem ela mais ou menos o mesmo padrão. Porque hoje, as festas de agosto, geralmente tem um festeiro, e ele que organiza. E a Festa da Padroeira, é a própria igreja que organiza.

- *Em conjunto com a comunidade, mas não há festeiro.*

- Não há o festeiro. Então, o quê que acontece com eles. Aí vai depender da condição financeira que está vivendo o momento da igreja. Então algumas festas tiveram tutu, tiveram doce, mas outras não.

- *E sendo a igreja responsável pela organização, ela também organiza a questão profana da festa ou é mais a questão do sagrado, ou também do profano está misturado também?*

- Não, ela está sempre preocupada mais pelo sagrado. Que geralmente eles chamam um grupo de pessoas, e esse grupo de pessoas discutem e vê o quê que vão produzir.

- *Mas o profano também acontece.*

- Às vezes sim. Se o grupo decidir que vai fazer o tutu, que vai fazer o doce...ano passado, por exemplo, o grupo decidiu que não ia fazer, que tava muito em cima da hora, não tinha recurso pra poder fazer. Então era um período que tinha vindo uma estiagem muito grande de seca, os fazendeiros estavam se recuperando ainda da estiagem do ano atrasado. Então quer dizer, ficava um pouco inviável você tá em cima muito, porque tudo é feito com doação,

praticamente tudo o que é feito é com doação. Dificilmente, você gasta alguma coisa do bolso, o pessoal, no momento ali, eles envolvem mesmo com a festa, certo? Praticamente, tudo o que você precisa, você ganha.

- *E os grupos culturais, por exemplo, banda, coral, marujada, têm?*

- Olha, esses dias eu até tive uma notícia boa, que a banda estava até recebendo uns instrumentos novos aí, porque eu acho que os instrumentos, agora vale até uma foto dele, em algum momento talvez na cartilha, colocar. Provavelmente quem comprou os instrumentos aqui estão nem estejam vivos mais: são os velhos, mais velhos mesmo. Então parece que eles vão receber agora doze instrumentos, um rapaz fez um movimento aí, e conseguiu, eu não sei dizer se foi pela Secretaria de Cultura, mas ele conseguiu 12 instrumentos. Eu acredito que tenha a ver, com a Secretaria de Cultura. Então, a mãe dele que passou nesses dias, que ele tá chegando com esses instrumentos aí. Então quer dizer, porque a banda tava praticamente deixando de existir também. Cada dia uma menor quantidade de músicos, há necessidade agora de terem instrumentos, se a prefeitura desenvolve alguma política pública, no intuito de trazer um maestro pra formar novos, pra formar uma equipe boa, pra que possa assumir os instrumentos, que possa quem sabe a partir daí, reformular toda a banda.

- *Com relação à banda, você queria colocar mais alguma coisa?*

- Não, que a necessidade é essa: haver uma política pública que incentive, que dê incentivo de alguma forma, busque uma solução pra que o Poder Municipal possa, ou, vamos supor, algumas empresas da cidade, até porque que, como é que eu poderia dizer, economicamente, o comércio da cidade, ele é muito dividido. Dividido eu falo assim, existem muita gente com o mesmo ramo de comércio, então o que ganha é muito fragmentando. As pessoas num tem, vamos dizer assim, não tem um retorno econômico muito grande, que existe muita gente trabalhando com o mesmo tipo de comércio. Então fica muito dividido o comércio. Aí isso dificulta um pouco os investimentos dos comerciantes, dificultam um pouco, porque eles não concentram financeiramente, economicamente, eles não concentram o poder econômico. Então pra você conseguir patrocínio deles é um pouco complicado. Então a cidade do interior acaba vivendo o paternalismo da prefeitura, que é um grande pecado. Não é que sou a favor do paternalismo não: é um grande pecado. Mas acaba indo, então terei que viabilizar uma política que, vamos dizer assim, possibilitasse essa reestruturação cultural, principalmente da banda, quem sabe, quiçá, do Catopê. Já ouvi dizer que existia também um grupo de mulheres também ligadas ao Catopê, que eu ainda vou levantar isso ainda, que no Catopê divida o grupo dos homens e o grupo das mulheres. Acho que elas chamavam Pastorinhas. Não eram bem as Pastorinhas que culturalmente se chamavam em outros lugares, não é daquela

européia, não. É mais afro-indígena. E também a Marujada, que está acabando, que é uma que faz parte das festas, tradicionais, é aquela que leva o santo, traz o santo à igreja, dentro da cultura afro, ela traz essa idéia afro à igreja, então ela faz essa ligação e ele está, a Marujada tá, vamos dizer assim, não é que ela tá acabando, toda a festa ela tá presente. Nós fizemos um movimento interessante há pouco tempo, uma coisa que saiu assim do nada, tinha um grupo, que fazia o desfile, que era comum no 07 de setembro, a gente fazia o desfile. Não aquele desfile militar, mas os meninos saíam no desfile, mas pra levantar críticas até o poder econômico, ao poder político, levantar a criticidade das pessoas para o mundo, levantar temas e tinha uma turma, vamos dizer assim, num vou dizer rejeitados. Mas são aqueles alunos que tinham uma dificuldade, uma condição social carente, e que foram ficando, pela sua condição social, eles não conseguiam, vamos dizer assim, eles não conseguiam êxito na escola e eles foram ficando numa turma, e foram colocando numa turma...e todo mundo tava participando. Cada sala tinha um bloco, e essa turma virou pra mim e falou: “professor, o que nós vamos fazer? Ah, eu não sei marchar, num vou marchar.” “Ah, meu filho, quem marcha é cavalo, nós damos um jeito”. Aí eu perguntei pra ele: “o que você sabe fazer”. Aí ele brincou: “eu só sei dançar marujada”. “Tai! Nós vamos entrar num desfile de sete de setembro dançando a Marujada”. “Ah, mas quem vai ensinar pra gente”. “Se nós não conseguir ninguém, eu ensino”. Aí eu fui lá e perguntei, o moço veio e deu umas aulas, depois passei a ensaiar com eles e eles saíram. Aí eles queriam: “ah, nós queremos na frente do desfile!”. Falei assim: “olha, nós não vamos na frente não, porque o da frente é pouco observado. Na frente e no meio. Nós vamos no final”. Porque eu pensei, pra ser franco, eu pensei, eles tocando tambor, tavam tão entusiasmado tocando tambor, mas não tavam ainda afinados. Eles poderiam atrapalhar os outros alunos...nós vamos fechando o desfile. Aí conversei com eles, eles ficaram entusiasmados, e aquilo gerou assim uma emoção. Aí no geral essa emoção, eles entusiasmaram com a Marujada, então hoje muitos desses meninos fazem parte da Marujada. Eles resolveram entrar pra Marujada, do jeito que é, e fazem parte. Então com isso, vamos dizer assim, nós contribuímos da forma, sem querer, para que a Marujada talvez não tivesse hoje, ainda têm esses meninos que ainda estão segurando a Marujada...mas há esses resultados, se você desenvolver, fazer um trabalho para que eles façam parte. Porque eles ficavam, eu acredito que eles ficavam: “ah, eu vou passar vergonha”. Que o jovem tem muito disso: “eu vou pagar mico, vou passar vergonha em fazer aquilo”. Ele não tá talvez, ele não tá condicionado em entender o valor cultural, o valor de raízes que aquilo pode trazer pra ele. E que aquilo, alguém agrada, aquilo é bonito também, quer dizer, que num é vergonha fazer aquilo, entendeu?

- *E todos eles são filhos de marujeiros?*

- Não, não. Não são não, por incrível que pareça, acho que somente dois que tinha assim, na família que tinha algum marujeiro, mas tinha somente dois. Nenhum deles tinha assim, eram pessoas simples, humildes, mas não tinham assim parentes pra poder dizer assim: “fui levado pelo meu parente”, nada, não tinham nada. Entraram assim, porque fizeram a proposta que diziam que a única coisa que queriam fazer, então nós vamos fazer isso. E isso teve assim, uma boa aceitação no desfile, receberam aplauso do pessoal, então acho que isso elevou a auto-estima deles.

- *E em relação ao Coral Nossa Senhora do Pilar?*

- Olha, o coral, o que eu posso dizer do coral é o seguinte: hoje, o coral, ele se resume apenas ao grupo de pessoas que cantam na igreja. Ele, efetivamente, a falta de uma pessoa pra poder ensinar as técnicas de um coral, ensinar música, é o que eu falei: a política pública individualmente é meio complicado. Você trazer uma pessoa para Morro do Pilar, para viver disso, as pessoas que vão participar do coral, talvez elas num têm condições financeiras de bancar um aprendizado. Então, o coral hoje, eles se resume às pessoas que cantam lá na igreja. Que estão divididos em três grupos, nem fazem no conjunto mais, estão divididos em três grupos. Tem o grupo infantil, que tem algumas crianças, tem um grupo de jovens, o grupo de jovens se divide em dois grupos: alguns cantam em alguma missa, outros cantam em outra.

- *Mas aí sempre eles se apresentam em missas?*

- Somente.

- *Agora, encontro de corais, festividades de corais...*

- Não, nenhuma.

- *Só mesmo música sacra...*

- É, somente. Porque até, porque que não existe, vamos dizer assim, o coral na sua essência, quando você vê o coral...de música eu não entendo, acho que meu fraco é música. Quando você vê o coral, entonação, pegar o ritmo, o timbre de voz, que eles falam dueto, essas coisas assim. Eu comecei às vezes, tentando aprender, falava algumas palavras: “sustenido”, pelo amor de Deus (risos). Então, não é o meu forte; música não é o meu forte, apesar de ter alguma colaboração pra fazer algumas coisas, mas não é o meu forte.

- *Mas é um coral totalmente vinculado à igreja, praticamente na sede...?*

- Não.

- *Usa também na igreja, mas não, está totalmente vinculada à igreja.*

- À igreja, praticamente virou o grupo de música da igreja. Não é mais o coral, que o pessoal dizia ter, e tinha. Muitas pessoas cantaram aqui, já chegaram a cantar até na Europa. Então

quer dizer, não é mais esse coral. É praticamente o coreto que tem lá na igreja, a área do coral, fizeram uma área grande, imensa, e praticamente ficam umas cinco, seis pessoas.

- *Dentro mesmo da igreja, no espaço...*

- Dentro da igreja, lá no fundo da igreja, tinha a área que seria reservada ao coral, né? Imensa, ela dentro da...ela deve ter uma área de quase 20 m<sup>2</sup> ou mais.

- *E você sabe quando ela foi construída?*

- A igreja aqui?

- Não, esse espaço pra coral.

- Quando fizeram a igreja.

- Ah tá. Então era o coral maior, mais gente. Isso que você tá querendo destacar, hoje em dia, tem seis pessoas e ainda sobra espaço.

- Nó, espaço demais!

- *De todas essas coisas que a gente falou, que tem em Morro do Pilar no aspecto cultural, qual a importância que você percebe dessas coisas que você percebe pros moradores da cidade, a importância disso?*

- Eu acredito o seguinte: a cultura, ela reflete a origem. Ela reflete a origem, ela faz você entender os seus princípios, eu tenho essa concepção. A cultura, ela viabiliza você entender as coisas. A história, ela te dá toda argumentação, vamos dizer assim, teórica e cientificamente falando. Mas a cultura, ela te dá o prático, a cultura ela é passada de, a mãe ensinando à filha um bolo, ela te traz o prático, então ela aproxima as pessoas, ela faz com que você desenvolva os seus princípios, você desenvolva o seu ser. Por isso que eu acho que as pessoas, eu acho que elas têm um olhar muito, quando elas vêem a cultura, elas têm um olhar muito atencioso à cultura. Ela atrai por si, porque ela simplesmente, de uma certa forma, ela interioriza as pessoas, ela faz com que as pessoas se interiorizem. Como você olhar uma tela e interiorizar-se dentro daquela tela, fazer você refletir, a cultura também eu acredito que ela faça isso. Então, quando nós estamos montando esse trabalho, o objetivo é esse, fazer com que haja o diálogo em casa. Fazer com que o netinho chegar: “ô vô, hoje aprendi sobre isso na escola”. Ele abrir o compêndio, abrir a cartilha: “olha, eu também já fiz isso, já fiz dessa colher de ferro, eu já fiz farinha de mandioca, faz assim”. Vai ter argumentos de tá conversando com o neto. Então acredito que isso vai trazer diálogo entre as pessoas, o que é necessário na família, que a família tá perdendo esse diálogo. Hoje a vida agitada, é o tempo de você conversar com o filho, o assunto que você vai tratar com o filho, quer dizer, o próprio assunto que o jovem tem. Não é que num tô desvalorizando o assunto que eles tenham não, assuntos formados aqui, não estou desvalorizando; mas o assunto cultural, ele parece que traz

um laço maior, ele faz com que as pessoas se aproximem mais, ele dá sentido às coisas. O assunto, pode dizer: a informática, ela te dá informação, tudo o que você precisa você busca na informática, você tem aquilo ali. Mas às vezes você tem a informação, mas não aprende como depurar aquela informação. Você não tem a sensibilidade de detectar o quê que aquela informação pode trazer pra você, certo? E já o convívio das pessoas, o social, a relação humana que eu acho necessária na vida, ela já traz isso, traz afeto. E a cultura é a melhor forma. Essa transmissão do modo de vida, essa transmissão da essência das gerações, vamos dizer assim na cultura, ela faz que você se identifique, que você valorize, você dê valor a sua existência, a sua origem, a origem da sua família, o seu nome. Eu acho que ela resgata tudo isso.

*- Das manifestações que existem em Morro do Pilar, no caso a Festa de Agosto, a Festa da Padroeira, os ofícios e modos de fazer praticados por artesãos, que produzem o chapéu dentre outras coisas, os próprios grupos culturais. Como é que você acha que essas coisas se mantêm? Assim, em questão de sustentabilidade, como é que isso se manteve durante anos e anos, como é que você acha que se dá esse processo?*

- Eu posso usar uma palavrinha feia?

- Pode.

- Pirraça (risos), não é tão feia assim não. Eu acho que ainda se mantém por pirraça de alguns, igual eu falei no início, há necessidade de você conscientizar pra fazer o envolvimento. Porque o que você percebe aí por exemplo, se você comparar a Festa de Agosto que se fazia, no que eu posso dizer há 28 anos atrás, quando cheguei, ela tava muito mais voltada à religiosidade, vamos dizer assim, tendo todo esse mesmo...o tutu, como é que vou te dizer, as pessoas se sentiam, não vou dizer alegre, porque as pessoas aproveitam aquele momento. Mas se sentiam assim, uma ligação maior, uma humanidade maior naquele momento, no servir aquele tutu. E hoje, você vê pessoas provocando, tendo atos de uma má educação, um comportamento inadequado. Então às vezes alguns vão dizer assim, às vezes algum festeiro quer, acho que não sei se é se promover pessoalmente ou se satisfazer pessoalmente, quer fazer uma festa e em vez de ter aquele conceito religioso, quer fazer uma festa de arromba; aí dificulta pra aqueles, por exemplo, um pobre, uma pessoa mais humilde, pegar a festa seguinte. Ele fica com medo de num fazer igual, ou então ter que fazer igual, àquela competitividade. Então passou a entrar outros aspectos sociais, aí da competição, da vaidade, começou a entrar outros comportamentos psicológicos e sociais, que talvez atrapalharam um pouquinho a festa. Então quer dizer, aqueles que fazem, ainda você percebe que são, às vezes mexe e vira, os festeiros voltam nos mesmos. Às vezes custa a arrumar um festeiro, volta nos

mesmos grupos. Há pouco tempo, por exemplo, tinha uma festa, a do Divino, não tinha festeiro, faltava um mês pra festa, não tinha. Aí o padre falou que não ia ter, eu peguei e fui lá e falei – “se a comunidade ajudar, a gente vai fazer festa” – nós conseguimos fazer a festa, com tudo o que tinha pra fazer. Com um mês. Mas aí a comunidade movimentou toda, mas aquele negócio, se um não tomasse frente, se um não arregaçar a manga e chamar, é sempre o mesmo grupo. Às vezes as pessoas não tão se tocando, por esse medo de não dar conta de fazer uma festa, por talvez não tá valorizando aquela questão religiosa, infelizmente tem esse desprendimento das pessoas quanto ao religioso, infelizmente existe. Acho que as igrejas têm que reviver esse momento, têm que reestruturar. Então são coisas assim que tá, vão dizer, que tá fazendo com que eu ache que aqueles que tão participando, estão participando por pirraça. É isso que eu falo. São pirracentos mesmo – “vão fazer, porque eu acho que deve fazer”.

- *Isso também se enquadra em relação à banda, à Marujada...?*

- À banda, esse rapaz mesmo que eu falei, que conseguiu os instrumentos. Ele porque gosta mesmo de música, ele desde pequenininho que já foi meu aluno, ele sempre aonde a banda estava, estava acompanhando a banda. Eu acho até que ele não sabe tocar instrumento nenhum, mas ele gosta! Dizer que ele num sabe, eu num posso dizer, ele tem uma vida toda em Belo Horizonte agora, então não posso dizer que ele não sabe. Mas é daqueles assim, que aonde a banda vai ele tá junto com ela, toda festa ele tá lá. Ele não tava tocando instrumento, segurando alguma coisa, fazendo alguma coisa na banda. Então quer dizer, esse empenho dele, essa busca, de buscar isso, no início ele falou que a previsão eram 30 instrumentos, agora ele falou – “só consegui 12” – até meio desanimado, mas disse – “já é um bom início, 12 já é muita coisa, são 12 pessoas que você vai ter na banda aí. Pessoas que tão tocando instrumentos velhos, que já fazem o que fazem, já é uma coisa. Isso já vai dar pra alavancar pelo menos, pra mostrar outras pessoas que, querendo, pode fazer”. No caso das mulheres do chapéu, vou dizer que, como eu já disse antes, é a questão de sobrevivência. Que você vai ver uma mulher, ela tem que buscar o taquarassu, buscar a palha, ela tem que secar a palha, lavar, tem o processo de ferver, de lavar, colocar pra secar, depois fiar, tecer. Todo esse processo, pra depois vender uma braçada, eu acho que...agora que passou a ser um real, parece, antes eu acho que era 50, 60 centavos. Então quer dizer, todo um trabalho, pra ela no final fazer sete braçadas, oito braçadas, pra poder vender, ganhar oito reais, 12 reais, 15 reais. Então quer dizer, isso pra ela tem um valor muito grande, porque praticamente ela fala – “eu tô tecendo, mas eu tô cozinhando, eu tô indo buscar lenha, eu tô tecendo, eu tô indo fazer uma compra, eu tô tecendo” – então quer dizer, ali praticamente virou uma coisa prática pra ela. É um dinheirinho, um pouquinho, mas que ajuda ela em casa. Então é a necessidade de

sobrevivência, a questão da palha, do chapéu, quem ganha mesmo com a palha, o chapéu, talvez seja os atravessadores que ganham.

- *No início da nossa conversa, você tocou mais em bens imateriais que se fazia, e que hoje se perderam e não faz mais. Desses que tão atuante aí na prática, e que realmente acontecem, você vislumbra que algum destes, corre o risco de deixar de existir...dos que acontecem?*

- Praticamente, quando você fala assim, voltando ao chapéu, né? Hoje quase você não encontra, no Morro do Pilar mais, quase você não encontra o taquarassu, pra se cortar. Então quer dizer, a matéria-prima, praticamente, pelo que a dona outro dia estava colocando, estão buscando lá na divisa com Itambé, bem longe.

- *Mas essa colheita deles? Eles colhem, não plantam?*

- Não, não existe uma idéia de um reflorestamento, poderia-se pensar num remanejamento. Porque o taquarassu, ele é indesejável nas áreas aonde cria gado, os fazendeiros adoram que cortam o taquarassu pra acabar com ele. Bom, você estava falando o seguinte: quanto ao chapéu. Pra produção do chapéu, você precisa do taquarassu ou da palha. A palha do indaiá, ainda acha, não tem tanta dificuldade em encontrar, mas nem todo mundo trabalha, a maior parte trabalha com o taquarassu, que ele parece um bambu. E esse taquarassu, as pessoas daqui quase não tão encontrando no município. E numa entrevista, uma senhora falou que eles estão precisando buscar quase perto de Itambé, quase na divisa com Itambé. Então praticamente vai tá na divisa Morro do Pilar, São Sebastião, nessas áreas. Porque o taquarassu, ele não existe assim, uma política pra reflorestamento dele. E ele também encontra uma resistência, eu acredito, no meio dos fazendeiros, porque os fazendeiros não...eles não gostam, vamos dizer assim, o taquarassu é indesejável, eles adoram que as pessoas vão cortar. Num vou dizer que eles induzem o corte não, mas se alguém for cortar, eles não vão achar ruim não, porque parece que eles gostam que cortam. Tanto é que fez o corte, não sei porque, ele não se refaz. Há de se fazer uma pesquisa, porque que não se refaz, e talvez levantar uma hipótese o que fazer, pra fazer um remanejamento pra se plantar o taquarassu em uma determinada área, seria uma proposta interessante! Eu acredito. Mas há necessidade, primeiramente, de se conscientizar os agentes políticos, a sociedade civil, dessa necessidade. Mostrar pra elas o tempo que elas vão levar pra pegar um caminhão pra ir lá buscar o taquarassu, pra fazer uma palha, pra vender a tantos centavos a braçada, elas poderiam ter isso mais próximo se alguém tivesse alguma área reservasse, talvez a prefeitura, e se tivesse o plantio do taquarassu aí.

- Bom, aí você falou a questão que eu falei de deixar de existir, você tocou na questão até mesmo do acesso à matéria-prima que elas ficam escassas, não tá sendo plantada. Tirando o taquarassu, há algum outro que você queria destacar?

- Não, praticamente as demais coisas que eram produzidas, que nós estamos observando aí, panela de pedra, óleo de coco, a farinha de mandioca, o polvilho. O que eles falam é o seguinte: todos eles estão envolvido em meio rural. O que nós estamos observando é o seguinte: primeiro é a mão-de-obra, quase ninguém quer morar na zona rural, morar na zona rural é uma dificuldade. Então quase ninguém quer envolver. Pra você fazer a farinha de mandioca, você tem que plantar a mandioca, você tem que colher a mandioca, ralar a mandioca. E as pessoas, quer dizer, isso é muito trabalho manual. Então, quer dizer, eles acham que no final pra vender pro que eles quer, não compensa. Então, quer dizer, haveria necessidade de formar grupos, talvez cooperativas, que avaliasse formas alternativas de se fazer reviver. A região, por exemplo, em termos não cultural, mas por exemplo, em termos agrícolas: o Morro do Pilar foi uma das regiões que, em 62, fiz uma pesquisa, foi um dos maior produtor de Minas Gerais. Morro do Pilar e Carmésia, de banana. Hoje não manda nem 500 quilos pro CEASA. Então, quer dizer, pra quem saia daqui, pelas toneladas, nós fizemos as contas, provavelmente pela quantidade toneladas, 10 a 12 caminhões de banana saiam, lá em 62, sair daqui...então, quer dizer, isso é uma questão econômica, mas você percebe aí que o meio rural perdeu aquela auto-estima em produzir no meio rural. As pessoas vão perdendo, isso foi caindo aos poucos.

- Além do ofício do modo de fazer, de deixar de existir, relacionado a algum grupo cultural ou uma festividade, você não vislumbra isso não?

- Olha, da questão do Catopê, por exemplo. O que eu percebi, custamos até convencer o Brechinha, deles passar alguma coisa. Parece que tem um ciúme. Eu tive até que usar um argumento com ele – “olha, você vai deixar isso perder”- e tal, tal pra ele. Ele ainda concordou, mas parece que ele ainda correu um pouquinho da gente ainda. “Ah, nós vão marcar”. E todo dia que a gente marca, ele adia um pouquinho. Me parece ter um ciúme, que ele tem um instrumento de Catopê na casa dele, eu não sei o quê que passa na cabeça dele, será que vão querer pegar...não sei. Então tem aquele ciúme de que, ele quer guardar aquilo pra ele! Então outras pessoas, praticamente, faleceram, você vai perguntar – “ah, não sei direito como que era aquela música” – sempre existe aquela resistência, então o Catopê, por ele deixar de ir acontecendo, ele praticamente se desmanchou aí. Esse talvez seja um, de toda o levantamento cultural do Morro do Pilar, talvez o Catopê seja o mais difícil de ser soerguido. Nós, há pouco tempo, na escola nós tentamos alguma coisa, quando deu certo com

esses meninos, mas não conseguimos muito sucesso. Então talvez seja isso a grande coisa. Da banda de música, eu acredito que a hora que vier os instrumentos, a música atrai muita gente. Se tiver um maestro e tudo, eu acredito que atrai por natureza.

- *E você gostaria de fazer algum comentário geral que não foi contemplado aqui, mas que você gostaria de falar, que eu não perguntei, mas você esperava perguntar, ou você acha que nosso papo contemplou tudo?*

- Contemplou, todos os aspectos, acredito que sim. Alguma novidade que eu tenha, se tiver interesse, depois eu posso passar pra vocês, assim que o compêndio, né? Antes estávamos chamando de cartilha, mas depois nós ficamos pensando que as pessoas poderiam confundir a cartilha com alguma coisa paradidática, de ser usado no dia-a-dia da escola, e não é esse o objetivo. Ele tem o objetivo de oferecer os textos, o professor que vai saber onde encaixá-lo, onde introduzi-lo, tal texto, até as atividades do texto, que nós estamos propondo, pra justamente arrancar, a ter um objetivo ali. Mas ela num tem o objetivo de ser um livro pra primeira série, ou pra segunda série, ela é um livro poderá até o ensino médio, se o professor quiser usar algum texto poderá usar.

- *Aí a gente queria agradecer pela entrevista, muito obrigada!*

- Eu que agradeço. Muito obrigado, desculpa qualquer coisa.

- *Não, a entrevista foi ótima! Tá jóia!*

- Falou, obrigado!

- *De nada.*